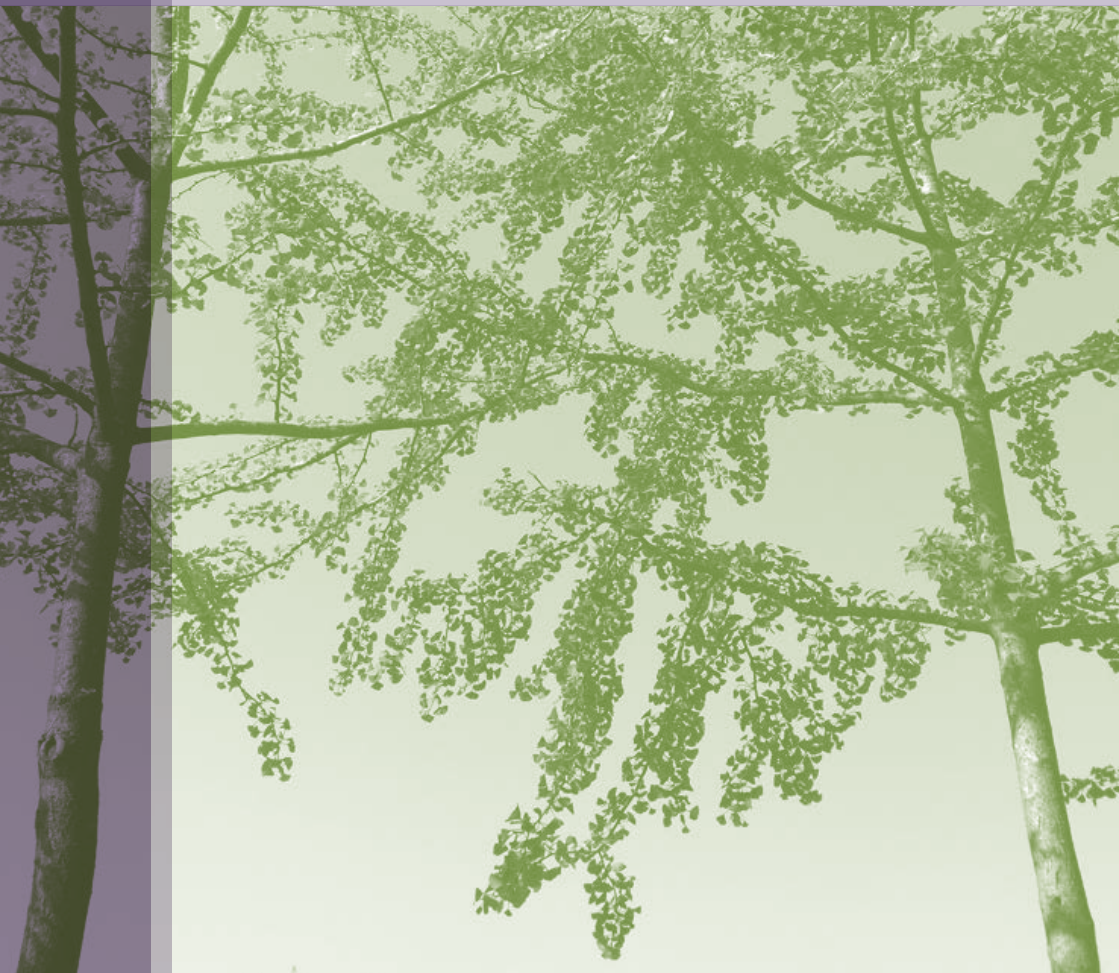


II. O AMOR FECUNDO: SEXUALIDADE E FECUNDIDADE



A alegria do Evangelho
da família é a nossa Missão

Pastoral Familiar - Matosinhos



1. SEXO OU SEXUALIDADE

Não vamos falar de “sexo”. Vamos conversar um pouco sobre a beleza e a riqueza da “sexualidade”, com um dom que Deus nos confiou, para que o amor se possa exprimir e para que a vida se possa transmitir. Na verdade, a sexualidade é uma dimensão da pessoa toda e de todas as pessoas, solteiras e casadas. É, portanto, uma dimensão que não está localizada em nenhum sítio especial do nosso corpo. Clarifiquemos alguns pontos:

1.1. A PESSOA HUMANA É «SEXUADA», DOS PÉS À CABEÇA.

O programa genético, o sistema endócrino, os órgãos genitais, o cérebro e a nossa figura corporal são sexuados. Cada célula, cada órgão e função, na pessoa humana, são sexuados. Na definição da Organização Mundial de Saúde, a sexualidade *“é uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movimentamos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”*.

1.2. RELAÇÃO SEXUADA E RELAÇÃO SEXUAL

A sexualidade representa o modo irrenunciável, pelo qual se exprime cada pessoa, enquanto homem e mulher, a todos os níveis e em todas as circunstâncias. A sexualidade está presente em todos os gestos e comportamentos; é uma componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano, que não se reduz ao «ato sexual». Por isso, cada relação interpessoal não é necessariamente sexual mas é, inevitavelmente, sexuada.

2. NESTE SENTIDO, HÁ ATITUDES E GESTOS INDISSOCIÁVEIS DA SEXUALIDADE, TAIS COMO:

Comunicação, conhecimento, diálogo, ternura, sentimentos, afeto, sinceridade, respeito, acolhimento mútuo, prazer, encontro, compromisso, autodomínio, generosidade, renúncia...

Conversemos um pouco sobre isto:

(Pode ser entregue a cada casal uma palavra e pedir que a comente)

Para o diálogo em grupo:

1. O par escolhe uma das palavras associadas à sexualidade. Diante de todos, o par justifica a sua escolha.
2. O par deve partilhar com os outros noivos, em que medida a vivência dessa palavra escolhida torna a sexualidade verdadeiramente humana.
3. O par deve procurar definir um critério moral, para que a vivência da sexualidade conjugal esteja ao serviço da união dos esposos e aberta à vida.

- Entendemos a sexualidade como expressão do amor. Por isso podemos dizer que a sexualidade é comunicação. Sem **comunicação** não há conhecimento e sem **conhecimento** não há amor. *“Porque nos amamos, exprimimos o nosso amor.”*
- A sexualidade humana pressupõe **um diálogo**, com o «tu» da outra pessoa realizado através de palavras, gestos, carícias, na intimidade do ser humano. A sexualidade no ser humano é um encontro entre pessoas em que deve intervir a pessoa toda. Não podemos reduzir a sexualidade a um encontro de corpos. A corporeidade serve para expressar o que somos. Através dela, damos-nos a conhecer. Por isso precisamos do corpo para expressar os nossos sentimentos, afetos, desejos, compromissos e o nosso carinho.
- Mas a corporeidade também pode servir para esconder o que somos. Por isso **a sinceridade**, é indispensável no diálogo conjugal. Não se pode cimentar a relação matrimonial sobre o engano e a ignorância mútua. Temos que manifestar ao outro o que somos, o que queremos e desejamos; o que esperamos dele ou dela.
- Unido à sinceridade, está o **respeito pela pessoa querida**. O conhecimento mútuo deve-nos levar a respeitar o cônjuge, a ser solícitos com os seus desejos e necessidades, a aceitá-lo como é, não como eu gostaria que fosse. Não nos é permitido usar o outro, servirmo-nos dele para o explorar a nosso favor. O outro não pode ser rebaixado à categoria de objeto de consumo.
- É preciso definir, com clareza, uma **norma ética geral para os comportamentos sexuais**. Poderíamos dizê-la assim:
“Vive de tal modo a sexualidade que os teus gestos sejam expressão do teu amor benevolente e nunca uma procura do teu interesse mediante o corpo do outro”.

E podemos ainda aplicar este mesmo princípio às manifestações do afeto entre pessoas (dança, beijo, tato):

“Trata o teu semelhante de tal modo que as manifestações de afeto o (a) gratifiquem e elevem enquanto pessoa e nunca utilizes o seu corpo como meio de prazer, mas antes como corpo pessoal”.

Em relação à relação sexual propriamente dita e à vida matrimonial, podemos reformular assim a norma:

“Vive de tal modo a sexualidade que os teus gestos sexuais sejam expressão da tua total, definitiva e exclusiva doação e aceitação da pessoa a quem te deves e a quem amas”.

- O amor e a sexualidade também **são doação**. É a doação amorosa do meu ser à pessoa que quero e desejo fazer feliz. A doação exige maturidade, domínio de si mesmo, ser responsável pelos nossos atos. Não é um jogo nem um passatempo.
- À doação respondemos com o **acolhimento do ser do outro**. Aceitamo-lo sem reservas. “Quero-te como és, pelo que és tu mesmo ou tu mesma, não pelo que tens ou pelos benefícios que me podes proporcionar”.
- O acolhimento mútuo converte-se num **encontro** de pessoas. No ser humano a sexualidade serve, não só para transmitir a vida, mas também para **transmitir afeto e carinho**, um carinho e um afeto absolutos e exclusivos para a pessoa com a qual formamos uma comunidade de vida.
- Por isso, **o encontro gera o compromisso de nos realizarmos juntos como pessoas**, compromisso que se concretiza na fidelidade como expressão da nossa vida.
- **A fidelidade** não consiste apenas em não manter relações sexuais com outras pessoas diferente do cônjuge. Essa é a consequência da fidelidade mas não a sua essência. A fidelidade consiste na permanência

da palavra dada e no compromisso adquirido. Quer dizer que nos comprometemos a ser felizes juntos, a não precisar de outros para a nossa felicidade, a partilhar os nossos melhores e piores momentos. “Porque sou feliz contigo não preciso de mais nada”.

- No amor e na sexualidade tem de haver **generosidade**, esquecermo-nos de nós mesmos para nos centrarmos no outro, procurando fazê-lo feliz e satisfazer a sua necessidade de ser amado ou amada. Mas não pode ser só a satisfação de um desejo.

- Quando procuramos só o prazer pelo prazer, desligado do **encontro e do compromisso**, o que fazemos é encerrarmo-nos em nós mesmos e utilizar o outro, reduzi-lo à categoria de objeto ou coisa para a nossa satisfação. Mas quando procuramos o prazer juntos, com carinho e pondo em primeiro lugar o outro, a sexualidade consolida o amor do casal, fomenta o crescimento pessoal e conduz-nos para a felicidade.

- A sexualidade, tal como outras facetas de ser humano, deve ser educada. *“São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia. Isto depende primariamente da constituição do ser humano, que é composto de corpo e alma. O homem torna-se realmente ele mesmo, quando corpo e alma se encontram em*



Íntima unidade; o desafio do eros pode considerar-se verdadeiramente superado, quando se consegue esta unificação. Nem o espírito ama sozinho, nem o corpo: é o homem, a pessoa, que ama como criatura unitária, de que fazem parte o corpo e a alma. Somente quando ambos se fundem verdadeiramente numa unidade, é que o homem se torna plenamente ele próprio. Só deste modo é que o amor – o eros – pode amadurecer até à sua verdadeira grandeza” (Bento XVI, DCE, 5).

Neste sentido, a sexualidade não é qualquer coisa puramente biológica, mas refere-se antes ao núcleo do íntimo da pessoa. Pelo que o uso da sexualidade, como doação física, tem a sua verdade e atinge o seu pleno significado, quando é expressão da doação pessoal do homem e da mulher. Por outras palavras, não há nada, na linguagem sexual, que, ao tocar o corpo, não toque “a alma”!

3. UMA VISÃO BÍBLICA DA SEXUALIDADE

A sexualidade é uma realidade querida e criada por Deus, pela qual o homem e mulher se exprimem, no amor, como imagem e semelhança de Deus. Leiamos excertos dos dois relatos da Criação:

Gn.1,26-28 – sexualidade e procriação

Disse Deus: Façamos o Homem à nossa imagem e semelhança. Domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Deus criou o ser humano à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele o criou homem e mulher. Deus abençoou-os dizendo: Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. Deus viu tudo o que tinha feito: era tudo muito bom.



Gn. 2, 7.18.22-24 – sexualidade e união dos esposos

8

Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro de vida e o homem transformou-se num ser vivente. Disse o Senhor Deus: «Não é bom que o homem esteja só. Vou dar-lhe um auxílio a ele correspondente». Então o Senhor Deus, depois de ter formado da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, conduziu-os até junto do homem para ver como ele os chamaria, a fim de que todos os seres vivos fossem conhecidos pelo nome que o homem lhes desse. O homem chamou pelos seus nomes todos os animais domésticos, todas as aves do céu e todos os animais do campo. Mas não encontrou auxílio a ele correspondente. Então o Senhor Deus fez descer sobre o homem um sono profundo e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma costela, fazendo crescer a carne em seu lugar. Da costela do homem, o Senhor Deus formou a mulher e apresentou-a ao homem. Ao vê-la o homem exclamou: Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á «mulher», porque foi tirada do homem. Por isso o homem deixará pai e mãe para se unir à sua esposa e os dois serão uma só carne.

COMENTÁRIO

Estes dois textos dão-nos a chave para interpretar a sexualidade humana, como uma realidade criada e querida por Deus, para a realização da pessoa humana. *“O próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente para as suas criaturas”* (AL 150). A dimensão erótica é muito mais do que um mal permitido ou do que um peso tolerável, mas com de Deus que embeleza o encontro dos esposos (cf. AL 152). Deus dá ao par humano um mandato: dominar a terra, procriar, ser fecundo, realidades que são afinal a participação humana no próprio ser de Deus. Deus associa o homem desde o princípio à sua atividade criadora. Mas **o que Deus pode fazer sozinho, o homem tem de o fazer na dualidade sexual**. Desde o primeiro momento da criação o homem e a mulher estão chamados a realizar um projeto comum que dá sentido à sua existência. Os dois juntos vão ser a “imagem, o sacramento de Deus”. Diríamos que: *“... a imagem de Deus é o casal, no matrimônio: o homem e a mulher; não só o homem, não somente a mulher, mas os dois juntos. Esta é a imagem de Deus: o amor, a aliança de Deus conosco está representada na aliança entre o homem e a mulher. Isto é muito bonito! Somos criados para amar, como reflexo de Deus e do Seu amor. Na união conjugal o homem e a mulher realizam esta vocação no sinal da reciprocidade e da comunhão de vida plena e definitiva. Quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do Matrimônio, Deus, por assim dizer, «espelha-Se» neles, imprime neles os Seus traços e o carácter indelével do Seu amor”* (Papa Francisco, Catequese sobre o Matrimônio, 2.4.2014).

No **segundo relato da criação**, que é mais antigo que o primeiro, apresenta-se Deus a fazer uma figura de barro na qual insufla o Seu alento de vida, de forma a que o homem se torne um ser vivo. Mas o Senhor viu que “não é bom que o homem esteja só”. E decide dar-lhe um auxílio correspondente. O homem e a mulher são **a mesma realidade humana em duas versões**. O diálogo entre eles é possível porque ambos têm a **mesma dignidade**. São seres que



se complementam. A sexualidade é vista agora não tanto como uma forma de propagar e conservar a espécie humana, mas como um modo de garantir uma qualidade de vida humana através do diálogo e da comunicação.

“É precisamente nisto que consiste o mistério do Matrimônio: dos dois esposos, Deus faz uma só existência. A Bíblia usa uma expressão forte e diz «uma só carne», tão íntima é a união entre o homem e a mulher no matrimônio! Eis precisamente o mistério do matrimônio: o amor de Deus reflete-se no casal que decide viver junto. Por isso, o homem deixa a sua casa, a casa dos seus pais, e vai viver com a sua mulher, unindo-se tão fortemente a ela que os dois se tornam — reza a Bíblia — uma só carne” (Papa Francisco, Catequese sobre o Matrimônio, 2.4.2014).

Por isso a nossa **postura** perante a sexualidade tem de ser sempre **positiva**. É uma realidade humana, querida e criada por Deus que, ao mesmo tempo que nos assemelha ao Criador, nos recorda a nossa limitação; eu preciso do outro e o outro precisa de mim.

RESUMINDO: NA VISÃO BÍBLICA DA SEXUALIDADE, PODEMOS DESTACAR ESTES PONTOS:

1. A sexualidade é uma realidade criada e querida por Deus. Deus ama a alegria dos seus filhos (cf. AL 147-150).
2. A sexualidade exprime-se numa linguagem corporal e vive-se no âmbito da relação interpessoal (Gn 2, 18). Pressupõe a igual dignidade dos sexos (Gn 2, 19-23) e a sua comum vocação ao amor conjugal (Gn 2, 24 s.).
3. Há também na sexualidade uma ambiguidade. Ela não está isenta do risco da posse (AL 154), da insaciabilidade (cf. AL 155), do domínio do outro (cf. AL 155), da violência (cf. AL 153), da falsidade e manipulação (cf. AL 154). A sexualidade é um tesouro sempre ameaçado pelo mau uso da liberdade humana. A sexualidade é um mistério de luz e de sombra, uma realidade necessitada de redenção, pela ascese e pelo esforço moral.
4. A sexualidade exprime a intimidade e está aberta à fecundidade (cf. AL 80). Ela está ao serviço da união dos esposos e ao serviço da transmissão da vida, pelo que um casal cristão não pode excluir da sua vivência sexual esta abertura à vida. Sobre isso, recomendamos a leitura dos sete tópicos de aprofundamento sobre paternidade e maternidade responsáveis.



“O próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para as suas criaturas.

A necessidade sexual dos esposos não é objeto de menosprezo, e não se trata de modo algum de pôr em questão aquela necessidade. Assim, não podemos, de maneira alguma, entender a dimensão erótica do amor como um mal permitido ou como um peso tolerável para o bem da família, mas como dom de Deus que embeleza o encontro dos esposos.

A opção da paternidade responsável pressupõe a formação da consciência. Os cônjuges, «de comum acordo e com esforço comum, formarão retamente a própria consciência, tendo em conta o seu bem próprio e o dos filhos já nascidos ou que preveem virão a nascer, sabendo ver as condições de tempo e da própria situação e tendo, finalmente, em consideração o bem da comunidade familiar, da sociedade temporal e da própria Igreja. São os próprios esposos que, em última instância, devem diante de Deus tomar esta decisão». Por outro lado, deve-se promover o uso dos métodos baseados nos “ritmos naturais da fecundidade. Ponha-se em evidência também que estes métodos respeitam o corpo dos esposos, estimulam a ternura entre eles e favorecem a educação dum liberdade autêntica, insistindo sempre que os filhos são um dom maravilhoso de Deus, uma alegria para os pais e para a Igreja. Através deles, o Senhor renova o mundo”.